

O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

O RABUGENTO

TYPOS.

O VENDEDOR DE ESCRAVOS.

II.

A missão do escriptor consciencioso é ardua e espinhosa. Forçado á combater com toda a força do raciocinio, idéas admittidas e interesses legitimos, a offender susceptibilidades mais ou menos justas, elle recuará muitas vezes desanimado, se o não alentasse a força da convicção que o obriga a antepôr o bem geral ás conveniencias particulares.

E' com especialidade nas questões que interessão directamente a humanidade, que a cada passo se encontra esses entraves, faceis de transpor, aquelles que indifferentes ou mercenarios, accusão hoje o que hontem deffenderam e elogião amanhã o que ha pouco censuraram; mas bem difficeis para os que, não transigindo com a consciencia, apreciam os factos despidos das côres brilhantes com que os enfeitam o interesse egoista de alguns e a indifferença cobarde de muitos.

Taes foram as reflexões que nos occorreram no momento em que nos lembrámos de escrever alguma coisa sobre escravatura.

Com a abolição do trafico no Brasil, os homens de coração generoso e verdadeiramente humanitario, aquelles a quem não cegava a ambição sedenta do ouro, exultaram com a perspectiva de liberdade para uma grande fracção da humanidade.

Julgaram, e com razão, que a iniciativa dessa medida seria seguida de outras que a completassem, e que em um futuro talvez bem proximo, desapareceria do imperio de Santa Cruz o canero horrivel da escravidão.

Seria essa uma das mais brillantes paginas da historia do Brasil, só por si a igualaria na posteridade á historia das maiores nações do universo.

Eganaram-se!

O trafico deixou de existir de facto, a importação de escravos cessou; porém, a questão principal (a abolição total da escravatura) foi adiada a pretexto de se estudar os meios de substituir por braços livres os escravos. Promessa illu-

soria: os annos passaram, e com elles a esperança da completa realisação dessa idéa.

Alguma coisa se tentou, é verdade: ensaiou-se chamar para o Brasil a colonisação estrangeira; mas até hoje nada se tem conseguido.

As razões do improficuo resultado dessa tentativa, tem sido tão brillantemente desenvolvidas por pennas muito mais habéis do que a nossa, que nos não faremos cargo de as repetir. Apenas apontaremos uma, que tem relação immediata com o assumpto de que nos occupamos, e que segundo cremos, ainda não foi encarada com a attenção que merece.

A nosso vêr a causa que principalmente tem concorrido para que a emigração espontanea (e é essa a unica que pôde coavir ao Brasil) não tenha sido em maior escala, é, sem duvida alguma, o receio que tem o colono de ser considerado em pé de igualdade com o escravo.

Autorisa-o a isso a idéa que geralmente na Europa se faz dos costumes do Brasil; idéa fabulosa em certos pontos, mesquinha e injusta em outros, e sempre falsa, como falsas são as discripções e narrações em que se basêa.

Assim illudido, o trabalhador europeu recua ante a perspectiva de vir para um paiz onde o seu serviço será commum com o de homens segregados do resto da humanidade, sem consciencia de si, sem amor de familia, sem direito de se queixar, e reduzidos á machinas de trabalho, movidas pela manivella da vontade do senhor.

Infelizmente os factos algumas vezes dão razão áquelles que assim pensam.

Não é raro ver-se nas nossas officinas o trabalhador livre misturado com o escravo, e com especialidade para o interior, e nos trabalhos agricolas, é isso quasi geral.

E' regra reconhecida que os máos instinctos absorvem e corrompem mais facilmente as boas qualidades do que estas convertem e purificam aquelles. E' por isso que os trabalhadores livres, probos e laboriosos, porém faltos de instrucção sufficiente para se preservarem do contagio do mal, unidos a entes sem brio nem pundonor, faltos dos sentimentos, que a religião, a consciencia da propria dignidade, e o respeito a si e aos outros inspiram, e contidos unicamente pelo receio e pela força; esses trabalhadores, dizemos, acabam por se perverterem e deixam assim de pro-tar a utilidade que delles se devia esperar, se melhor dirigidos fossem empregados mais em harmonia com a sua condição.

Hoje a idéa da substituição dos escravos por braços livres é considerada uma utopia, muito bonita em theoria, mas sem resultado provavel na pratica, e teremos de ainda por muito tempo presenciar no seio de uma nação livre e civilisada as scenas de horror e repulsão a que dá lugar a escravidão.

O mal era immenso, o remedio devia ter sido heroico; não se devia ter olhado a despezas por grandes que fossem, ou a interesses contrariados; a crise poderia ser fatal; mas, passageira, daria em resultado um futuro prospero e grandioso!

Em contradicção com a religião de amor e igualdade que professamos, incompativel com as idéas do progresso do seculo e com o grão de civilisação a que o Brasil tem attingido, a escravatura ha de necessariamente acabar.

Oxalá que o que se poderia ter feito, suave e naturalmente, o que hoje com algum sacrificio ainda se póde fazer, não seja para o futuro a causa de uma dessas funestas commoções de que as nações tanto se ressentem, quando não são por ellas aniquilladas, e de que os Estados da America do Norte nos estão dando um tão terrivel exemplo!

A. P.—a.

SCENAS ORIGINAES

POR A. P.—a.

Era um domingo do mez de Outubro de 18... A aurora começava a apparecer, dissipando com sua pallida claridade as trevas da noite e annunciando a chegada do astro-rei que bem depressa a viria offuscar com seus brilhantes raios. A brisa fresca da madrugada ia pouco a pouco cedendo o passo ao quente mormaço que fazia antever um dia abrasador; um daquelles dias em que a população de Lisboa corre para o campo a respirar o ar puro e repousar da fadiga do trabalho quotidiano.

Um moço, trajando elegante vestuario campestre, caminhava apressado em direitura á rua Nova da Palma. Chegando ahi, entrou em uma casa de mediana apparencia, subiu ao terceiro andar e batendo na porta, gritou:

— Eduardo! Eduardo!... Vem d'ahi dorminhoco... Queres que o sol te encontre ainda na cama?

A pessoa a quem estas palavras eram dirigidas já estava levantada, pois que a porta abrio-se instantaneamente e o nosso madrugador achou-se na presença de seu amigo, prompto para sahir.

— Ia procurar-te, Paulo, disse o dono da casa; porém desta vez levaste-me as lampas.

— Algum dia seria; mas visto que estás prompto vamos aproveitar o fresco da madrugada.

— Os dous amigos sahiram, e chegando á rua, perguntou Eduardo:

— Onde iremos?

— Onde quizeres; estou ao teu dispor. Vamos para fóra?

— Sempre a mania campestre! Para mim é indifferente ir aqui ou alli, comtanto que me divirta. Vamos ao Campo Grande, é hoje o ultimo domingo de feira, deve estar muito concorrida.

— Não; a feira aborrece-me aos domingos, exatamente pela grande concorrência de povo.

— Tens medo de te perderes, disse Eduardo rindo, bem; então vamos a Almada; ha tourada, arraial, fogo de vistas, etc., serve-te?

— Também não.

— Pois, meu amigo, declaro-te que não te proponho mais nada e decido-me a ir para onde me quizeres levar.

— Agradeço-te a condescendencia, e prometto que te não has de arrepender.

Assim conversando tinham os dous amigos chegado ao Terreiro do Paço; tomaram para o lado da Ribeira Velha e Paulo disse para Eduardo:

— Vou expôr-te o itinerario a que te sujeitaste.

— Dize lá.

— Vamos até á Madre Deos... Eduardo fez uma careta.

— Achas longe?

— Acho.

— O passeio abrir-nos-ha o appetite. Almoçaremos na horta das Cannas, e depois iremos á Penha.

— Fazer o que?

— Em primeiro lugar quero-te apresentar a minha tia.

— Alguma tia velha?

— Sim; mas que tem duas filhas moças.

— Bem: Passe a tia por causa das primas.

— Em segundo lugar hoje é a festa das Palmelões.

— Então é outro caso! E' pagode que não perco o cirio das Palmelões. Está dito, acceto.

— Ainda não é tudo: jantamos com minha tia...

— E com as primas por consequencia.

— ... passeamos com ellas de tarde, comemos bolachinhas de erva doce, bebemos agua da cisterna dos frades, e depois de as largarmos, vamos á caldeirada dos mixilhões.

— E em seguida, interrompeu Eduardo, iremos pular no bailharico com alguma palmelõa côr de cereja.

— Vai tú; eu não. Mas toma cuidado com os callos, pois te arriscas a ser pisado e a tomar conhecimento nas costas com o varapão de algum daquelles maloios, os quaes receiam sempre que os alfacinhas lhes roubem as suas ellas.

— Pois é sem razão, porque ellas tem o bom gosto de os preferirem a nós, não sei se por serem mais solidos, se por estarem sempre promptos a seguir o santo caminho.

Chegados á Madre Deus seguiram até ao Beato e voltando, foram almoçar na horta das Cannas. Acabado o almoço dirigiram-se para Santa Appolonia e tomaram pela azinhaga que dahi vai á Penha de França.

Antes de passar adiante devemos fazer conhecer aos leitores quem eram os dous amigos e qual o seu character.

Eduardo de Almeida, era filho de um lavrador de provincia que o tinha mandado para Lisboa entregue aos cuidados de um amigo, afim de seguir a carreira commercial.

Character franco e descuidado, porém honesto, Eduardo havia justificado as vistas de seu pai, e estava com 22 annos, guarda-livros de uma casa de atacados, com trinta moedas de ordenado, cama, mesa etc., e livre todas as horas que lhe restassem da escripturação da casa, e que elle bem aproveitava.

De figura esbelta, cabellos castanhos, olhos azues, claro e corado, risonho e expansivo, estava sempre, como se costuma dizer, com a carinha n'agoa.

Paulo, ao contrario de seu amigo, era trigueiro, cabellos e olhos pretos, testa alta e pensadora; a regularidade e belleza de suas feições era ás vezes assombreada por um sorriso um pouco sarcástico. Reservado para com os estranhos ou indifferentes, Paulo era llano e social na intimidade.

Filho de um official de caçadores que havia perdido a vida combatendo contra seus irmãos, na batalha de Torres Vedras, e deixado sua familia em completa miseria, Paulo que a esse tempo estudava para engenheiro, vio-se forçado a procurar outra vida que lhe trouxesse interesses mais immediatos, com que podesse supprir suas necessidades e de suas irmãs, pois de balde tinha esperado pela pensão devida aos serviços de seu pai, pensão que entretanto apenas lhe chegaria para não morrer de fome.

continuar os estudos e manter suas irmãs com decencia.

Alliançado por um antigo amigo de seu pai, que o não olvidara na adversidade, entrou de caixeiro de cobranças para a casa em que Eduardo era guarda livros.

Conheceram-se, e bem depressa os ligou intima amizade.

(Continúa).

POESIAS.

SOFFRIMENTO.

(A M.)

E' muito, tanta incerteza
Já não posso supportar,
Tenho noites tormentosas
Como a tormenta no mar;
Se te vejo por instantes
Vem-me á ideia, delyrantes,
Longas horas de prazer;
Sinto o peito oppresso, morto
Quando deixo de te vêr.

E se penso em teus protestos
Nem assim acho conforto,
O ciume tem mais força
Vem-me aos labios os doestos;
Quero firme e socegado
Impôr leis ao coração,
Debalde, subjugado
Sonho sempre uma traição.
Se a medo busco o tormento
Com falso riso encobrir,
Vejo em torno a mim o escarneo
De funebre écho zumbir;
Lançam-me em rosto, perdidos
Tantos momentos por ti,
E os labios pedem frangidos
O socego que eu perdi.
Ai de balde, por que te amo
Como ninguem inda amei,
Debalde, porque amando-te

Quem sabe se morrerei!
O soffrimento é pungente
E sinto que hei-de ceder,
Soffre o corpo, soffre a mente,
E sinto que hei-de morrer.
Depois eu penso que zombas
A furto da minha dôr,
Pois que dizes muitas vezes
Que nunca te tive amor;
Quando peço submisso
Que me digas a verdade,
Vacillas, sorris, sorrindo
Respondes com crueldade.

Soffro sempre, pois que te amo
Como ninguem inda a mei,
O ciume é vivo, intenso,
D'elle talvez morrerei.
Ah! não temas que a verdade
Possa alterar a paixão,
Acaso de catadupa
Pôde parar o cachão?
Falla, diz-me que é a duvida
A causa da minha dôr,
Ou mulla em odio eterno
Este tormento de amor.

1858.

XR

NA FLORESTA.

Vem donzella querida, vem ligeiro
Viver perto de mim;
Aqui, no jardim da natureza,
Serás, bella, um jasmim.

Verás tu as ovelhinhas
De monte em monte a saltar,
E dos ternos passarinhos
O constante gorgear.

Iremos conversar naquelle bosque
Debaixo da mangueira,
E lá cantarás os teus amores
Ao som da cachoeira.

Deixa meu anjo a cidade,
Vem gozar comigo a vida;
Passarás dias felizes
Cá na floresta, querida.

Vem meu anjo, que longe da cidade
Prazeres gozarás!
Aqui ama-se a vida, a Deus, ás flores
E gozos mil terás.

Aqui terás meu anjinho
Um peito para te amar,
Até que um Deus de bondade
Aos céos te queira chamar.

22 de Setembro

RIVERA.

MORTE.

« Na tua ausencia conheço »
« Quanto custa uma saudade. »

GLOSA.

Continuamente padeço
Uma dôr que me maltrata,
Mas este mal que me mata
Na tua ausencia conheço.
Mesmo ao longe te confesso
A minha terna amizade
Porém a tua maldade,
O teu rijo coração,
Não sabe com afeição
Quanto custa uma saudade.

E. M.

RATICES DA SEMANA

Rio, 27 de Setembro.

- Então não ha chronica? — pergunta o mestre da imprensa.
- Ha e não ha.
- Isso não é resposto.
- Pois então ha.

E eis-me em frente de meia duzia de tiras de papel para escrever ratices

O chefe de policia multou o empregario da limpeza publica em 3.026\$ por diversas infracções do contracto, commettidas no mez de Agosto.

Gostei, Sr. chefe; deve continuar, mas dobrando a parada. Não seria máo tambem que houvesse por parte da policia, quem fiscalisasse a maneira porque essa manada de homens sujos limpam as ruas, afim de que os transeuntes não sejam obsequiados com algumas das particulas que elles com tão máo modo costumam deitar dentro das carroças, sem se importarem com quem passa.

No domingo, depois de bem reflecto fui á noite ao theatro de S. Pedro, ver a *Romã Encantada*. Já se sabe enchente geral; o espectáculo era de agradar; um patusco me disse: — Veja, se agora tocasse a fogo não havia quem conduzisse as carroças d'agua. Não sei qual era a applicação, talvez o leitor a queira dar.

A segunda-feira para nada prestou, e a sua camarada terça-feira da mesma maneira. Quasi que faço versos, eu tenho meu geito para a poesia, ainda hei-de escrever uma chronica de ratices em verso, para o leitor poder apreciar o meu genio fecundo. Ha por ahí tantos nas minhas condições....

A quarta-feira foi dia de luto. Logo ao romper d'alva os navios de guerra surtos em nosso porto annunciaram que faziam 28 annos que o herôe de dous mundes — D. Pedro I cá e IV lá, tinha dado a alma ao creador.

Algumas ratices houveram nesse dia, mas deixo de as mencionar, pois, quero não as publicando, curvar-me reverente, em signal de respeito ao Homem que deu a liberdade á terra que me viu nascer.

Na quinta feira houve grande ratica; os leitores já souberam pelo *Diario* que tinha morrido o peixe boi, e agora sabem pelo *Rabugento*, que em lugar de ser *elle* foi *ella*.

Sobre este fatal acontecimento um patusco me escreven o seguinte:

« Luto! Luto! por oito dias, o passeio esse lugar poetico onde as fadas brasileiras iam encantar, onde muitas vezes Cupido mandado por Venus desceu do Olympo a tomar uma xícara de café; acaba agora de cobrir-se de luto e dô, os cysnes já não sulcam as ondas pequenas agitadas pela brisa fugueira da tarde, da cascata já não se despenham as aguas limpidas, as flores marcharam, as arvores que tinham ainda de crescer começam a apodrecer, a gramma secca, e os rotulos prohibindo os passeantes que pizem na verde relva, e arranquem as flores, jazem cahidas por terra!

« E qual a razão?

« Morreu! quem?... ella!... ella! a escolhida do peixe boi.

« Rebelde e pertinaz molestia zombou dos filhos de Hypocrates com suas cataplasmas, e dos Hanhans dos vidrinhos de cheiro.

« O jardineiro entristeceu-se e só lembra-se do suicidio; não!... não! nós lhe pedimos! tenha compaixão dessa semente, (posto que muito ao longe,) dos Campos Elysêos; continue a animar os cysnes, tire-lhe o véo de fumo que acincenta-os, e nós lhe promettemos, ir todos ainda mais uma tarde de joelhos com as mãos erguidas para o Céu, verter lagrimas ardentes e saudosas por tão sensível perda!... »

— Ainda nesse dia fomos obsequiados com o romance — *Por causa de um alfinete*, — original francez, vertido em portuguez por um dos redactores do *Muséo Litterario*, e primeira obra dessa associação.

Em um paiz como o nosso, em que não ha litteratura, visto a que existe estar entregue a um pequeno circulo, no qual meia duzia de ambiciosos, duvidosos de sua sufficiencia nessa mesma, ainda que pequena litteratura, tratam de tecer elogios a tudo quanto parte dos seus, e estão sempre promptos a condemnarem os pequenos ensaios litterarios, daquelles que não pertencem a esse circulo, com receio talvez de que lhes possam offuscar a gloria que de direito lhes pertence; em um paiz como o nosso, repetimos, qualquer trabalho, que parte de uma associação como o *Muséo Litterario*, será recebido por nós, neophytes na litteratura, com verdadeiro regozijo.

Ha da parte da mocidade brasileira muito gosto e muito boas disposições que não fructificam por falta de animação. Concorra, porém, cada um com suas forças para o engrandecimento das letras no Brazil, e o monopolio da litteratura deixará de existir.

Dito isto saudamos á illustrada redacção do *Muséo Litterario*.

A sexta-feira sempre foi máo dia; as folhinhas dão elle como dia de jejum, por isso não admira que eu faça jejum os leitores quanto a noticias.

O sabbado como sabem é sempre grande dia para os devedores, e para aquelles que tem bilhete para irem ao Theatro Lyrico ouvirem o distincto pianista portuense Arthur Napoleão.

Finalizando, tenho que dizer a meus leitores, que a 27 de setembro de 1844, foi o senado da camara do Rio de Janeiro autorizado a nomear governador interino na falta do proprietario.

Isto foi a 318, e eu, por ser hoje o dia de tão feliz anniversario tambem communico aos meus leitores que durante o mez de Outubro encarrego interinamente a um meu amigo e compadre de lhes dar conta das ratices da semana.

Offerecendo-lhos meus fracos serviços estou nas cidades ora de Vassouras, ora de Valença, ás ordens dos respeitabilissimos leitores.

TINCO.